

A intertextualidade em *Lealdade* de Márcio Souza

Mestranda Maria Cláudia de Mesquita¹ (UNESP)
Profa. Dra. Ana Maria Carlos² (UNESP)

Resumo:

O objetivo deste trabalho é demonstrar que os elementos intertextuais presentes no romance Lealdade, de Márcio Souza, contribuem para a caracterização do protagonista Fernando Simões Correia, em sua luta pela independência do Grão-Pará, como um herói brasileiro com influências portuguesas. Em meados do século XIX, Fernando busca a libertação da província do Grão-Pará tanto de Portugal quanto do Reino Unido do Brasil. Neste romance, Souza faz uso de vários procedimentos intertextuais. Citações de obras da literatura portuguesa, como, por exemplo, as poesias de Fernando Pessoa, destacam a influência da cultura portuguesa na sociedade do Grão-Pará da época. O grande uso da intertextualidade estabelece, assim, um diálogo constante com outros textos e discursos que enriquecem a narrativa e acabam por caracterizar o protagonista.

Palavras - chave: Romance histórico, Lealdade, Márcio Souza, intertextualidade.

Introdução

O romance histórico **Lealdade**, de Márcio Souza, retrata a busca da colônia portuguesa do Grão-Pará por sua independência, tanto de Portugal quanto do reino Unido do Brasil, em meados do século XIX. Este fato histórico é ficcionalizado apresentando uma região rica econômica e politicamente com ideais bem estabelecidos representados pelo protagonista Fernando Simões Correia. Fernando é um militar nascido no Grão-Pará e filho de portugueses, que busca a independência desta região. Neste romance, Souza faz uso de vários procedimentos intertextuais que garantem a ligação entre o passado e o presente, ou seja, o passado é reescrito no presente dentro de um novo contexto.

Segundo Linda Hutcheon, neste tipo de narrativa, a metaficção historiográfica, todos os acontecimentos são selecionados de acordo com interesses sociais, ideológicos, políticos e assim viram fatos, têm o reconhecimento histórico ou ficcional, são enfim documentados, isto pode ser observado neste fragmento:

A historiografia e a ficção constituem seus objetos de atenção; em outras palavras, elas decidem quais os acontecimentos que se transformarão em fatos. A problematização pós-moderna se volta para nossas inevitáveis dificuldades em relação à natureza concreta dos acontecimentos (no arquivo só conseguimos encontrar seus vestígios textuais para transformar em fatos) e sua acessibilidade. (HUTCHEON, 1991, p. 161)

Só é possível conhecer o passado através dos discursos, da narração que se faz dele, seja pelo ficcionista ou pelo historiador, o qual, em sua análise subjetiva, conta apenas as versões dos ganhadores. A história contemporânea se abre à concepção de que não há verdade, mas apenas versões dos fatos. O passado só pode ser conhecido através de textos. A historiografia e a ficção “decidem quais os acontecimentos que se transformarão em fatos” (HUTCHEON, 1991, p. 161).

Partindo das considerações de Hutcheon sobre como adquirimos o conhecimento do passado, pode-se afirmar que Márcio Souza trouxe para o presente um fato historicamente documentando, disponibilizando ao leitor um acontecimento que ele julgou ser relevante devido a inclinações

ideológicas, políticas, sociais e históricas, dispendo-se a produzir uma tetralogia sobre a tentativa de independência do Grão-Pará.

Neste romance, a versão apresentada surge dos manuscritos do personagem Fernando Simões Correia, filho de portugueses que nasceu em Belém por acaso, conforme afirma o protagonista: “Por pouco não nasci em alto-mar, e sou paraense por capricho aventureiro de meus pais.” (SOUZA, 2001, p. 41).

Segundo Hutcheon, o autor na metaficção historiográfica é apenas aquele que une, a seu modo, idéias que estão esparsas pelas várias áreas do conhecimento humano. O autor torna-se o veículo, uma vez que a obra só se realizará efetivamente na leitura. O texto, sendo constituído a partir de outros discursos, adquire novo sentido.

A história é sempre interpretada e o discurso ficcional, ainda que não busque uma representação realística dela, sempre faz referência aos fatos históricos, efetivando uma releitura do passado. A partir destas releituras, surge a dificuldade em separar a referência que ligaria a ficção do mundo literário à história do mundo real. Há uma distinção entre o fato descrito pela história e o acontecimento do passado que realmente ocorreu. Há, portanto, a oposição entre a linguagem, o discurso que a apresenta e a realidade dos fatos.

A questão da convivência dos personagens históricos e dos fictícios é apresentada assim por Hutcheon:

A metaficção ensina seu leitor a considerar todos os referentes como sendo fictícios, imaginados. A perspectiva crítica formalista a ela correspondente afirma, conforme o faz Genette (1980, 227-230), que em toda ficção os personagens históricos podem conviver com personagens ficcionais dentro do contexto do romance porque aí eles só se sujeitam às regras da ficção. (HUTCHEON, 1991, p. 197)

Neste sentido pode-se afirmar que as referências literárias estão ligadas à realidade ficcional, mas que o texto pode nos dar indícios de referenciais históricos.

Neste trabalho serão consideradas as referências literárias e os indícios que o texto fornece para que se possam estabelecer as relações com a história.

Referências literárias e históricas

O romance histórico **Lealdade** se inicia com a apresentação de trechos de documentos oficiais como prova dos acontecimentos que serão narrados. O primeiro documento é um Ofício do Senado da Câmara Municipal de Cameté para o presidente e o governador interino das armas; o segundo documento apresenta instruções do presidente e governador interino para o sargento-mor Baena; por último, nos deparamos com anotações do caderno do coronel Fernando Simões Correia relatando, de forma concisa, o motivo da derrota de seu exército, apesar de ter grande chance de vitória. A apresentação destes documentos no início do romance garante a ambientação da história que será narrada e também estabelecem relação com o mundo real.

É possível observar em **Lealdade**, de Márcio Souza, muitas referências históricas, ou seja, podemos relacionar alguns personagens fictícios com os do mundo real a partir das pistas que o texto nos fornece.

Pessoas citadas como, por exemplo, Napoleão Bonaparte, Padre Antonio Vieira, Batista Campos, Lorde Cochrane, Greenfell, Filipe Patroni, frei Zagalo e o rei Dom João IV são personagens que aparecem nesta esfera literária, mas que remetem imediatamente o leitor ao mundo real por serem personagens históricos reais e terem participado de fatos históricos conhecidos.

O narrador faz uso de citação explícita ao comparar a história de amor de Souza Coutinho com a dos personagens bíblicos:

“Havia diferença de dois anos entre os apaixonados, como houve entre Davi e Betsabá, fato das Sagradas Escrituras com o qual, aliás, havia muita coisa parecida. Como no Antigo testamento, a dama era casada com um soldado do destacamento de infantaria, moça muito prendada e morena, de juventude e beleza típicas das filhas da selva, e que costumeiramente se banhava aos primeiros chilreios matinais dos passarinhos nas águas de um igarapé, exatamente por onde deu de exercitar o seu alazão o senhor governador.” (SOUZA, 2001, p. 65).

A referência à poesia portuguesa aparece, por exemplo, na opinião que expressa a mãe de Fernando Simões Correia apresentada pelo narrador-personagem:

“Minha mãe cedo se tornou também uma viajante livresca e, daí para a frente, todos os horizontes seriam provisórios para ela. Mas foi através dessas leituras que ela passou a ter uma perspectiva diferente de seu pequeno universo ribatejano. Ela sabia que existia uma fatal relação entre os portugueses e o mar, talvez porque no espírito português dominasse o poder patriarcal e uma sujeição completa à poesia, como não se conhecia em nenhum outro povo. Os portugueses, ela não se cansava de repetir, em lugar de se defenderem contra o fingimento da poesia, rendiam-se ao inexprimível e ao efeito simulador.” (SOUZA, 2001, p. 71 - 72).

A questão do fingimento da poesia nos remete diretamente ao grande escritor português Fernando Pessoa e seus poemas **Autopsicografia** e **Isto**. A influência das leituras nas opiniões expressadas pela mãe reforça a noção de intertextualidade, de diálogo entre vários textos.

Observe o tema neste trecho do poema **Autopsicografia**:

O poeta é um fingidor.
Finge tão completamente
Que chega a fingir que é dor
A dor que deveras sente.
(PESSOA, 1979, p.167).

E neste trecho de **Isto**:

Dizem que finjo ou minto
Tudo o que escrevo. Não.
Eu simplesmente sinto
Com a imaginação.
Não uso o coração.
(PESSOA, 1979, p. 181).

Esta relação só poderia ser feita pelo leitor, já que Pessoa ainda não havia nascido na época em que se passara este diálogo ficcional entre mãe e filho sobre poesia e Portugal. Por isso, a metaficção historiográfica reescreve a história em um novo contexto e assim aparecem outros textos de épocas diferentes neste novo texto.

Há também a presença de outros poetas portugueses, como por exemplo, Camões, que é citado quando Fernando Correia conta a seus amigos as atrocidades que o exército francês cometeu em Portugal: “- A maior profanação – continuei - foi nos Jerônimos. Decapitaram todas as imagens e transformaram a igreja em bivaque. Estavam usando o túmulo de Camões como retrete.” (SOUZA, 2001, p. 84). Esta é uma referência histórica que, se por um lado procura dar veracidade

aos fatos narrados por Fernando, por outra relativiza o seu sentido, na medida em que faz referência a um escritor.

Os escritores espanhóis, da mesma forma, surgem como os poetas do *Siglo de Oro* ou Quixote que é referenciado para exemplificar a aventura de produzir um jornal de oposição política em Belém no século XIX:

“O **Paraense** era um jornal de quatro páginas, inteiramente dedicado à política. Um jornal em Belém era coisa de espantar. Um jornal político de oposição era uma aventura quixotesca. Durou enquanto a perplexidade das autoridades impediu que liquidassem com a audácia.” (SOUZA, 2001, p. 207).

A utilização da citação entre aspas com a indicação do autor, o caso mais comum, aparece na fala de Batista Campos: “- Mas precisamos nos esforçar – ele disse. – Afinal, como disse o filósofo Pascal, ‘é um absurdo que tudo seja absurdo’.” (SOUZA, 2001, p. 139). Batista Campos utiliza esta frase para explicar a Fernando, de forma filosófica, o absurdo do mundo.

A escolha do nome Alejo Carpentier para o pai da Simone, francesa por quem Fernando é apaixonado, também é relevante neste contexto literário. Além de justificar a origem francesa de Simone, Carpentier foi um escritor que lutava por ideais políticos, tendo sido preso por isto. Há vários pontos de contato entre o personagem literário e o histórico, como os ideais políticos, a vinda da França para a América Latina e a prisão por razões políticas.

O narrador Fernando Simões Correia utiliza os cadernos de anotações que geraram o romance para refletir sobre o próprio ato da escritura, comentando sobre o perigo de expressar suas idéias naquela sociedade, comparando-os à Declaração dos Direitos Humanos:

Logo o movimento dos grandes barcos ia começar, e eu podia ser capturado. Se isso acontecesse, eu seria um homem morto. Segundo o arbítrio do governador da província do Pará, da mesma forma que num tempo não muito distante possuir um exemplar da **Declaração dos Direitos do Homem** significava receber a pena capital, sem apelação, teria o mesmo destino se fosse flagrado com os cadernos que levava comigo. (SOUZA, 2001, p. 19 – 20)

Para completar os exemplos de citações e referências é possível notar também o uso de expressões populares, tais como esta máxima de Roma que o cônego dirige ao Fernando: “- Desejo que tudo corra bem com o senhor, tenente. Desculpe-me o mau jeito, mas lembre-se da velha máxima romana de que só os idiotas morrem pela pátria.” (SOUZA, 2001, p. 93) A expressão popular é utilizada quando Fernando afirma que irá participar da guerra pela libertação da colônia portuguesa do Grão-Pará.

Conclusão

O romance histórico busca no passado os elementos para construir a nossa cultura e justificar o homem como sujeito da história, atuante na história e para ela de forma a construir a sua própria identidade. Cada texto constrói uma releitura crítica da história e os romances históricos contemporâneos buscam uma dessacralização do passado, são os homens enquanto sujeitos de suas histórias recontando e reconstruindo os fatos do passado a partir de pontos de vista diferentes, garantindo esta idéia das muitas verdades existentes e ficcionalizando as diversas versões dos fatos históricos.

Em **Lealdade**, de Márcio Souza, primeiro volume da tetralogia **Crônicas do Grão-Pará e Rio Negro**, é possível observar, a partir dos exemplos apresentados, o grande uso da intertextualidade, procedimento que possibilita um diálogo constante com outros textos e outros discursos que enriquecem a narrativa. Fernando Simões Correia é caracterizado como um herói brasileiro que possui fortes influências portuguesas, a começar por sua família. Depois de ter estudado em Portugal, Fernando retorna à Província do Grão-Pará para lutar por sua libertação. A

poesia portuguesa de Camões, citada de forma implícita, caracterizando a busca pela navegação e a conquista de novas terras demonstram a situação do país e o conflito entre o conquistador português e o conquistado da colônia.

Este romance metaficcional de Márcio Souza discute o processo de produção do livro realizado pelo personagem Fernando. A seleção dos textos, autores e personagens portugueses citados visa reforçar a origem do protagonista e reafirmar os aspectos culturais daquela região. Todas as citações implícitas e explícitas auxiliam na caracterização do protagonista e da região de forma a destacar a influência portuguesa naquela sociedade. A narrativa histórica apresenta uma mescla entre a realidade e a ficção em que os personagens históricos são ficcionalizados e a intertextualidade garante o diálogo entre o passado e o presente.

Referências Bibliográficas

HUTCHEON, Linda. Poética do pós-modernismo. Trad. R. Cruz, Rio de Janeiro: Imago, 1991.

PESSOA, Fernando. O rosto e as máscaras. Antologia organizada por David Mourão-Ferreira. 2ª ed. Lisboa: Ática, 1979.

SOUZA, Márcio. Lealdade. 4ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

Autor(es)

¹ **Maria Cláudia de MESQUITA, Mestranda**

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), campus de Assis.
Departamento de Literatura
ma.mesquita@yahoo.com.br

² **Ana Maria CARLOS, Profa. Dra.**

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), campus de Assis.
Departamento de Letras Modernas
anamcarlos@uol.com.br